

“AQUI É UM LUGAR DE PAZ”: ESCOLA E CONSENSO IMAGINÁRIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

«Ceci est un lieu de paix»: École et consensus
imaginaire dans la ville de Rio de Janeiro

Andréa Rodrigues (UERJ)

RESUMO: Este artigo apresenta a análise de algumas formas de discurso produzidas na cidade do Rio de Janeiro: um cartaz e uma faixa, expostos na parte externa de duas escolas públicas, e textos divulgados pela secretaria municipal de educação durante o primeiro semestre de 2017, período em que uma campanha intitulada “Aqui é um lugar de paz” foi lançada em toda a rede municipal de ensino pela gestão pública. Para a nossa pesquisa, formulamos as seguintes questões: De que modo a escola e a secretaria de educação produzem sentidos sobre a questão da violência no Rio de Janeiro? Os textos da campanha promovem um silenciamento dos conflitos nas escolas? Como se produzem deslocamentos em relação aos sentidos propostos pela gestão pública de educação? Pretendemos, assim, em relação às formas do discurso analisadas, compreender os modos de produção de sentidos; discutir os possíveis silenciamentos e deslocamentos; comparar as diferenças de funcionamento discursivo. Tomamos por base a proposta teórica da Análise do Discurso originada na França (Pêcheux e colaboradores) e desenvolvida também no Brasil por Eni Orlandi e pesquisadores por ela formados. Mobilizamos principalmente as noções de cidade como espaço simbólico e de fala desorganizada como um discurso que irrompe onde os sentidos faltam, para pensar de que modo a escola produz significados nesse espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Escola; Sentidos; Fala desorganizada.

RÉSUMÉ: Cet article présente l'analyse de certaines formes de discours produit dans la ville de Rio de Janeiro: une affiche et une bannière exposée à l'extérieur de deux écoles publiques, et les textes produits par l'éducation municipale au cours de la première moitié de la période 2017, quand une campagne intitulée « Ceci est un lieu de paix » a été lancée dans toutes les écoles publiques pour l'administration. Pour nos recherches, nous avons formulé les questions suivantes: Comment l'école et l'administration publique produisent-elles du sens sur la question de la violence à Rio de Janeiro? Les conflits sont-ils mis sous silence par les textes de la campagne? Quelles sont les déplacements par rapport à la proposition de l'administration municipale de l'éducation? Nous avons l'intention, par conséquent, par rapport aux formes de discours analysés, de comprendre les méthodes de production de sens; discuter des silences possibles et les déplacements; comparer les différences de fonctionnement discursif. Nous prenons base sur la proposition théorique de l'analyse du discours originaire de France (Pêcheux et collaborateurs) et a également développé par Eni Orlandi et des chercheurs au Brésil formés par elle. Nous avons mobilisé la notion de ville comme un espace symbolique et de « parole désorganisée » comme un discours produit où les sens ne sont pas là, pour examiner comment l'école produit des significations dans cet espace.

MOTS-CLÉS: Ville; École; Sens; Parole désorganisée.

Introdução

Diferentes formas do discurso podem tematizar o modo como a cidade afeta a escola e por ela pode ser afetada: muros de escola pintados, faixas e cartazes, fotografias e textos publicados nos portais das secretarias de educação e/ou veiculadas pela mídia. São pontos de materialização que fazem circular sentidos no espaço da escola e da cidade.

De acordo com Orlandi (2001a, p.11), “a cidade não tem um seu narrador”: ela produz sentidos a partir de várias formas de materialização. As pichações, os *outdoors*, as rodas de conversa, a fala dos vendedores ambulantes funciona como flagrantes da narratividade urbana.

Estendendo essa ideia para os discursos produzidos nas/sobre as escolas e sua relação com a cidade, é possível considerar que eles também compõem o conjunto de pontos de materialização da narratividade urbana. Este trabalho aborda alguns desses “flagrantes” urbanos na cidade do Rio de Janeiro: um cartaz e uma faixa, expostos na parte externa de duas escolas públicas, e textos produzidos pela secretaria municipal de educação durante o primeiro semestre de 2017, período em que a campanha “Aqui é um lugar de paz” foi lançada em toda a rede municipal de ensino pela gestão pública.

Para a nossa análise, formulamos as seguintes questões: De que modo a escola e a gestão pública de educação produzem sentidos sobre a escola e sua relação com a cidade no que concerne à questão da violência no Rio de Janeiro? Os textos da campanha promovem um silenciamento dos conflitos na escola? Como se produzem deslocamentos em relação aos sentidos propostos pela gestão pública?

Pretendemos, assim, nas formas do discurso analisadas: compreender os modos de produção de sentidos; discutir os possíveis silenciamentos e deslocamentos; comparar as diferenças de funcionamento discursivo.

Tomamos por base a proposta teórica da Análise do Discurso (AD) de origem francesa (Pêcheux e colaboradores) e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e pesquisadores por ela formados, levando em conta que essa abordagem tem como finalidade “compreender como um texto funciona, isto é, como um texto produz sentidos” (ORLANDI, 2004, p.19). Como dispositivo analítico, partimos dos conceitos de cidade como espaço simbólico (ORLANDI, 2003, p.21) e de “fala desorganizada” como um discurso que irrompe onde os sentidos faltam (ORLANDI, 1999, p.3), para pensar os discursos da/para a escola significando nesse espaço. Assim, nossa análise estabelece uma interlocução com as pesquisas da AD sobre cidade e discurso (ORLANDI, 1999;

2001a; 2001b; 2003; 2004; 2011; LAGAZZI-RODRIGUES; BRITO, 2001; SOUZA, 1999), algumas inclusive também sobre a escola (PFEIFFER, 2001; ORLANDI, 2004). Mobilizamos ainda a noção de interdiscurso (ORLANDI, 2007), considerando que os discursos têm seus modos de funcionamento relacionados às possibilidades do dizer em determinadas condições de produção.

Cidade, escola e administração dos sentidos

As pesquisas sobre cidade e discurso, no campo da AD, produziram um deslocamento teórico para pensar a cidade de um modo diferente daquele como ela é concebida pelos especialistas do espaço urbano. A proposta da AD é partir da noção de cidade como “espaço de significação/interpretação em sua relação com a linguagem” (ORLANDI, 2011, p. 44). Esse modo de significar a cidade envolve uma mudança na noção de espaço, que passa a ser pensado discursivamente.

Souza (1999, p.11), em texto sobre a colocação de grades em praças, jardins, monumentos e entradas de prédios na cidade de São Paulo, comenta que “os equipamentos urbanos, ou seja, tudo aquilo que provê um espaço das características do que designa a urbanidade, podem indicar um sistema simbólico, a partir do qual é possível depreender um discurso sobre a cidade”. As grades são parte dessa ordem simbólica e, ao colocarem limites para a circulação na cidade, instauram a interpelação do pedestre como suposto agressor.

O espaço urbano pode ser entendido, assim, como uma configuração administrada de sentidos sociais e políticos (LAGAZZI-RODRIGUES; BRITO, 2001, p. 51). O discurso do urbano – que, de acordo com Orlandi (2004, p. 149), deriva de um movimento de generalização do urbanista – pretende uma homogeneidade no modo de significar a cidade, silenciando outros sentidos e aprisionando a sua materialidade significativa (ORLANDI, 1999; 2004). O planejamento domestica os sentidos da cidade: “Evitam-se os conflitos, silencia-se o que demanda sentido e evitam-se as transformações” (ORLANDI, 1999, p.5).

Esses processos pressupõem um consenso que, como destaca Pfeiffer (2001), esvazia de sentidos determinados conceitos, como se fossem categorias fechadas e transparentes: “Os conceitos trabalhados nas políticas públicas pressupõem um mesmo sujeito e uma mesma cidade homogeneizados pelos processos de escolarização e de urbanização, enquanto instrumentos de estabilização do Estado” (PFEIFFER, 2001, p.32).

Orlandi lembra que as políticas urbanas estão pautadas por essa lógica do consenso, buscando eliminar os conflitos sociais, numa “produção imaginária” em que o administrativo e o jurídico apagam o político (ORLANDI, 2011, p.41). No espaço urbano, o discurso social está disperso e não existe consenso que não seja imaginário:

Dans l’espace public qu’est la ville, il n’y a pas de consensus qui ne soit imaginaire: le discours social n’est pas homogène et donne lieu à différents mouvements de discours qui se croisent dans l’espace urbain. En quête du sens, le sujet se dés-organise. La dispersion du discours social, dans cette perspective, se présente comme partie prenante – non directe, ni automatique – de la division sociale (ORLANDI, 2001b, p.107).^[1]

A proposta de um consenso vai buscar organizar a cidade e seus sentidos, mas, do ponto de vista simbólico, como lembra a autora, organização e desorganização estão lado a lado. Isso significa a possibilidade de surgimento, no espaço simbólico que é a cidade, de falas desorganizadas que consideramos como indícios do estar “fora do discurso” (ORLANDI, 1999, p.3). Elas aparecem onde a repetição excede, onde a fala já não comunica:

Les paroles désorganisées sont des indices de nouveaux besoins de sens, elles dénoncent le malaise symbolique d’un sujet qui revendique des déplacements de sens dans un espace socio-politique mis sous silence. Elles sont l’irruption du travail de l’équivoque de la langue : là où les mots manquent, où la répétition excède, où l’on parle pour ne pas communiquer. La connaissance de ce processus contribue à la compréhension de ce qui est traité sous le nom générique de conflit social (ORLANDI, 2001b, p.106).^[2]

As falas desorganizadas seriam, então, uma resposta ao esvaziamento produzido pela proposta de administração dos sentidos, na busca de um consenso imaginário. Assim como as políticas públicas urbanas, a gestão pública de educação vai procurar estabelecer essa homogeneização de sentidos na sua rede de escolas e, conseqüentemente, na escola enquanto parte do espaço simbólico que é a cidade.

É desse modo que, ao abordar as relações entre escola e cidade, Orlandi (2004, p.149) vai definir a escola: um espaço de estabelecimento e administração de sentidos. O discurso do urbano recobre a cidade, tentando silenciá-la na sua materialidade significativa, e por isso a autora afirma que a escola teria de recuperar esse espaço simbólico, sem se moldar a esse projeto de padronização dos sentidos:

A escola não tem que se moldar ao “urbano”, mas ir para o espaço da cidade enquanto real histórico muitas vezes apagado pelo urbanístico. Deve confrontar-se com o real da rua, com seus sujeitos, seus modos de

existência, de resistência e de saber, de arte, de cultura (ORLANDI, 2004, p. 153).

Confrontar-se com o “real da rua” envolveria trazer os conflitos para dentro da escola também, promovendo, no discurso, a discussão sobre a desigualdade social, a pobreza e os fatores de diversas naturezas que podem levar à violência urbana, por exemplo. Mas a campanha preparada pela secretaria para as escolas vai em busca de um ideal de homogeneização dos sentidos, apagando o conflito no discurso e estabelecendo inclusive uma diretriz que afirma que todas as escolas devem colocar em suas entradas uma faixa com os dizeres “Aqui é um lugar de paz” – como veremos nas análises.

Cidade e escola no Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro tem a maior rede pública municipal de ensino da América Latina, com 1.537 escolas, englobando o Ensino Fundamental e a Educação Infantil. A violência da cidade gera um grande impacto no funcionamento das escolas, principalmente naquelas que se encontram em áreas de maior risco: muitas chegam a passar vários dias sem poder abrir por conta de tiroteios e ameaças de conflitos no seu entorno.

No primeiro semestre de 2017, após a morte de uma estudante atingida por uma bala perdida no pátio de uma escola da rede, a secretaria municipal de educação lançou a campanha “Aqui é um lugar de paz”. A proposta gerou uma série de atividades nas escolas e as coordenadorias regionais passaram a publicar fotos, textos e vídeos sobre essas atividades em dois portais da secretaria municipal de educação: *Multirio* e *Rioeduca*.

Essas são as condições de produção das formas de discurso que abordamos nesta pesquisa. A noção de interdiscurso é importante aqui para compreendermos como um texto produz sentidos. Orlandi (2007, p.31) afirma que o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma determinada situação. Assim, tudo que já é conhecido e já foi dito sobre o impacto da violência do Rio nas escolas públicas afeta o que está sendo significado nos textos analisados neste estudo. E o seu funcionamento discursivo é atravessado tanto pelo contexto imediato, que remete para o recente assassinato da estudante, quanto pelo contexto histórico da cidade do Rio de Janeiro, marcado pela violência.

Cidade, escola e o discurso da gestão pública de educação

Os flagrantes urbanos a que nos referimos para a análise são, mais especificamente: três textos postados no blog *Palavra do secretário*^[3], um cartaz feito por uma das escolas, colocado na porta de entrada, fotografado e publicado no *Rioeduca* como divulgação de atividade realizada por causa da campanha; e uma faixa colocada por alunos no alto do telhado de uma escola – aparentemente fora de uma atividade programada dentro da campanha.

Nosso primeiro momento de análise se volta para três textos publicados no blog *Palavra do secretário* nos meses de abril e maio de 2017. Transcrevemos aqui somente as partes que contêm as sequências discursivas que são objeto de nossa análise.

O primeiro texto, escrito logo após a morte da estudante no pátio de uma escola, menciona a campanha sobre a paz com um título provisório, que não se mantém depois:

(1) [...] Estávamos esperando o encerramento da campanha contra o *Aedes Aegypti*, previsto para o final de abril, para iniciar uma campanha sistemática contra a violência nas escolas e no entorno delas. “Escola como lugar de paz” é o nome provisório com que trabalhamos (Blog *Palavra do secretário*, portal *Rioeduca*, 2 abr. 2017. Disponível em: <http://www.rioeduca.net/blog.php?bid=17&mes=4&ano=2017>)

O segundo texto estabelece algumas normas para a realização da campanha, dentre elas a colocação de cartazes nas entradas das escolas:

(2) Cada unidade da SMEEL deve colocar em suas entradas, de modo bem visível, uma faixa com os dizeres: “Aqui é um lugar de paz” (Blog *Palavra do secretário*, portal *Rioeduca*, 3 abr. 2017. Disponível em: <http://www.rioeduca.net/blog.php?bid=17&mes=4&ano=2017>)

O terceiro texto vai mencionar a frase-título da campanha como o tema geral e justificar a proposta com um silenciamento do fato que a impulsionou:

(3) Como todos sabem, propusemos que todas as escolas da nossa rede participem de uma campanha contra a violência e pela paz. Não preciso me estender sobre os motivos que nos levaram a isso. Cada escola é livre para definir quais atividades desenvolverá em torno do tema geral “Aqui é um lugar de paz”. Pretendemos que a sociedade também abrace essa campanha. O Rio de Janeiro precisa de paz (Blog *Palavra do secretário*, portal *Rioeduca*, 12 maio 2017. Disponível em <http://www.rioeduca.net/blog.php?bid=17&mes=5&ano=2017>)

Como se dá o funcionamento desses discursos? Como eles produzem sentidos sobre a escola e a cidade?

O título provisório para a campanha, “Escola como lugar de paz”, tem um funcionamento discursivo bem diferente do que o irá substituir. Ele não contém o dêitico “aqui”, que irá marcar um espaço de onde se fala no título definitivo. Além disso, ele não tem um verbo, não sendo assim considerado uma oração, uma frase declarativa. “Escola como lugar de paz” parece remeter mais a um projeto de vir a ser. E sem a presença do “aqui”, não se estabelece ainda a oposição marcada que o nome definitivo da campanha irá provocar, entre “aqui”/escola e o fora da escola.

Ainda nesse primeiro texto, o entorno das escolas é citado como um espaço para onde a campanha seria estendida. Podemos pensar se a afirmação “Aqui é um lugar de paz” dá conta de incluir o entorno das escolas. Quando uma escola é chamada a colocar na entrada “Aqui é um lugar de paz”, a frase no cartaz estabelece uma fronteira entre a escola e seu entorno, entre a escola e a cidade.

O texto 2 traz uma diretriz, determinando que cada escola coloque na sua entrada a afirmação “Aqui é um lugar de paz”, pintada numa faixa. De que modo essa afirmação irá funcionar na entrada das escolas? Que sentidos ela silencia? A violência, reconhecidamente presente na cidade e na escola, foi apagada da faixa. Foi retirada da entrada. Barrada na porta, ela ficaria apenas na cidade, no espaço da rua, do que não é dizível. Se a gestão pública não pode dizer a cidade, significar a cidade, busca propor sentidos para as escolas.

O texto é produzido pela secretaria de educação, mas o dêitico “Aqui” produz um efeito de sentido diferente para o lugar de onde se fala, praticamente simulando uma onipresença da gestão pública. A secretaria quer dizer sobre cada escola. A secretaria quer estar em todas as escolas e afirmar sobre o que acontece com cada uma, buscando uma homogeneização dos sentidos. Sem levar em conta as contradições, sem discursivizar o conflito, o real da violência que transborda na fronteira entre escola e cidade é apagado no discurso, como se assim pudesse ter seus sentidos administrados também dentro da escola.

Contrariamente à diretriz estabelecida no texto anterior, o texto 3 traz a afirmação de que “cada escola é livre para definir quais atividades desenvolverá em torno do tema geral ‘Aqui é um lugar de paz’”. Interessante observar que a frase-título, apesar de afirmar algo, é tratada meramente como “tema geral”, como se não houvesse já aí um posicionamento, um direcionamento de sentidos. “Aqui é um lugar de paz” não é o nome de um tema, assim como seriam as palavras violência, paz, liberdade, justiça, etc. O que o texto chama de tema geral é já uma declaração que propõe uma regularização

dos sentidos sobre as escolas e o modo como cada uma (não) é afetada pela violência da cidade.

O texto 3 traz também uma sequência discursiva que silencia os motivos que teriam levado à campanha: “Não preciso me estender sobre os motivos que nos levaram a isso”. É o discurso funcionando para silenciar a violência, produzindo afirmações vazias sobre o real da escola e da cidade.

Escola e produção de sentidos

Nosso segundo momento de análise está voltado para dois outros flagrantes urbanos: um cartaz feito por uma escola, como atividade desenvolvida dentro da campanha proposta pela secretaria, e uma faixa colocada no telhado de uma escola na Cidade de Deus, uma das regiões mais violentas da cidade, constantemente exposta a conflitos entre policiais e traficantes.

O cartaz foi colocado na porta da escola, seguindo a diretriz estabelecida no blog *Palavra do secretário*, e publicado no portal *Rioeduca*, como exemplo de atividade da campanha. Ele traz a frase-título entre aspas: “Aqui é um lugar de paz”.



Figura 1: Cartaz colocado na porta de uma escola pública municipal do Rio de Janeiro. Fotografia publicada no portal *Rioeduca* em 6 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.rioeduca.net/blog.php?bid=14&autor=Renata+Carvalho>.

Acesso em 10 jun. 2017

Um mês depois, uma faixa com a palavra PAZ, escrita verticalmente, foi colocada no telhado de uma outra escola municipal, situada na favela Cidade de Deus. O repórter Genilson Araújo, que costuma dar notícias do trânsito sobrevoando a cidade de helicóptero, filmou a escola do alto para o programa de notícias *Bom dia Rio*, da TV Globo.



Figura 2: Faixa colocada no telhado de uma escola pública municipal da cidade do Rio de Janeiro. Fotografia publicada no site de notícias G1 em 5 de julho de 2017, a partir de vídeo transmitido pelo programa de TV *Bom dia Rio*. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/alunos-colocam-faixa-no-telhado-de-ciep-no-rio-pedindo-paz.ghtml>>. Acesso em 06 jul.2017.



Figura 3: Faixa (no detalhe) colocada no telhado de uma escola pública municipal da cidade do Rio de Janeiro. Imagem transmitida no programa *Bom dia Rio*, da TV Globo, e publicada no G1, em 5 de julho de 2017. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/alunos-colocam-faixa-no-telhado-de-ciep-no-rio-pedindo-paz.ghtml>>. Acesso em 6 jul.2017.

Do alto do telhado da escola, a faixa faz um pedido que interpela o seu suposto leitor como o agressor, que atira do alto. Do alto também a captura da imagem por um repórter aéreo, o outro suposto leitor da faixa.

Que diferenças existem nos modos de funcionamento desses dois pontos de materialização? Como se pode ver na foto, a faixa no telhado não é colorida como o cartaz colocado na porta da escola. Suas letras não atendem a uma arrumação prévia; o próprio material de que é feito parece ser uma espécie de sobra, de sucata, não previamente determinada para esse texto, para essa função. Ao contrário do cartaz, a faixa não foi fotografada como um exemplo de atividade, a ser registrada/publicada pela coordenadoria no portal *Rioeduca*.

Ao invés de definir a escola como um lugar de paz, como o que a frase no cartaz declara, a faixa pede paz, produzindo um efeito de sentido contrário à afirmação-título da campanha – “Aqui é um lugar de paz”.

O cartaz reproduz o dizer determinado pela campanha e isso está marcado inclusive pela presença das aspas. A faixa escancara sentidos outros, nega o que nele está escrito, produzindo um deslocamento em relação à proposta da secretaria municipal de educação. Esse deslocamento também se dá no próprio espaço onde a faixa é colocada. Ao invés de ser posta na entrada da escola, como determina a diretriz do texto da secretaria para todas as 1.537 unidades escolares da cidade, a faixa vai parar no telhado.

O cartaz poderá ser visto para os que vão entrar na escola – toda a comunidade escolar, alunos, pais e professores. A faixa se dirige a quem a vê de cima – ou seja, quem não é da comunidade escolar. Com isso, ela sai da escola e vai para a cidade – ironicamente é a que vai parar na mídia, diferentemente de todas as outras atividades postadas no portal *Rioeduca*, que ficam restritas a um tipo de publicação muito menos visualizada.

A faixa traz a fala desorganizada, que está “fora do discurso” – tal como definida por Orlandi (1999, p.3; 2001b, p.106). Contrariando um dos principais objetivos da campanha, apresentado pela secretaria como sendo o de mostrar à sociedade que as escolas estariam começando o movimento pela paz, o que é efetivamente exposto é a faixa que desliza, que não obedece, que irrompe no telhado pelo discurso dos alunos, sem diretrizes, sem fotos para o portal oficial.

Considerações finais

Como se dá o funcionamento discursivo dos textos da gestão pública sobre a violência da cidade e a campanha sobre a paz? Eles deixam de fora da escola o real da rua e os modos de existência dos sujeitos – diferentemente do que Orlandi (2004, p.153) propõe para a escola.

Apesar de a campanha ser justificada como uma necessidade diante da grande violência presente na cidade, os textos que a apresentam produzem um apagamento do conflito no discurso, silenciando a discussão sobre fatores fundamentais envolvidos nas práticas de violência urbana. E esse apagamento acaba por ressoar em outro discurso, fora da campanha, fora da porta de entrada da escola. Ele escapa da campanha e da afirmação, para se transformar num apelo, um pedido de paz no telhado, a partir da interpelação de um leitor imaginário da faixa.

A afirmação “Aqui é um lugar de paz” enfatiza a separação da escola (o “aqui”) e da cidade, estabelecendo uma oposição entre um espaço em que os sentidos da violência podem ser silenciados/apagados – tornando-se assim um “lugar de paz” – e os espaços da cidade, com suas contradições e desigualdades.

Os textos da secretaria de educação produzem sentidos a partir de um consenso imaginário que apaga o real histórico da cidade, evitando o conflito, na busca de um sentido único que torne indiferenciadas as escolas da cidade. Contudo, a escola e a cidade reclamam outros sentidos, e rupturas podem surgir no ideal de homogeneidade da gestão pública de educação.

Se, como afirma Orlandi (2004, p. 63), “as falas desorganizadas significam lugares onde sentidos faltam”, a faixa no telhado da escola da Cidade de Deus, que pede PAZ ao invés de afirmar a frase recomendada para a porta de entrada das escolas, preenche de sentido a noção de paz, esvaziada na frase-título da campanha – e aqui lembramos, com Pfeiffer (2001, p.32), que o consenso esvazia de sentidos os conceitos.

A partir de deslocamentos como esse é que a escola poderá acolher conflitos e contradições, exercendo seu papel de espaço simbólico em que os sujeitos produzem sentidos sobre como a cidade os afeta e como a escola pode afetar também a cidade, sem que o discurso das políticas públicas silencie a cidade e a escola.

Notas de rodapé

[1] “No espaço público que é a cidade, não há consenso que não seja imaginário: o discurso social não é homogêneo e dá lugar a diferentes movimentos de discurso que se cruzam no espaço urbano. Na falta de sentido, o sujeito se des-organiza. A dispersão do discurso social, nessa

perspectiva, se apresenta como parte integrante – não direta, nem automática – da divisão social”.
(Tradução nossa)

[2] “As falas desorganizadas são indícios de novas necessidades de sentido, elas denunciam um desconforto simbólico de um sujeito que reivindica deslocamentos de sentidos num espaço sociopolítico silenciado. Elas são a irrupção do trabalho do equívoco da língua: lá onde as palavras faltam, onde a repetição excede, onde se fala para não comunicar. O conhecimento desse processo contribui para a compreensão do que é tratado sob o nome genérico de conflito social”.
(Tradução nossa)

[3] O blog *Palavra do secretário* faz parte do portal Rioeduca e é um espaço em que o secretário municipal de educação publica textos dirigidos aos professores, diretores, alunos e suas famílias. Os temas abordados são bem variados: entrega de material didático, contratações, divulgação de campanhas, etc.

Referências

LAGAZZI-RODRIGUES, S.; BRITO, P.S. As ocupações dos sem-teto na discursividade da cidade. In: ORLANDI, E.P. (org.). **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E.P. A desorganização cotidiana. **Escritos**. V. 1. Campinas: Labeurb/Unicamp, 1999. Disponível em <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos1.pdf>>.

_____. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001a.

_____. La ville comme espace politico-symbolique. **Langage et société**, n. 96. 2001b. p.105-127.

_____. Polissêmico. In: **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências. Sujeito/história e indivíduo/sociedade. In: INDURSKY, F., MITTMANN, S. (orgs.) **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

PFEIFFER, C.C. Cidade e sujeito escolarizado. In: ORLANDI, E.P. (org.). **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

SOUZA, P. Dentro e fora: violência e irrupção urbana em cidades médias. **Escritos**. V. 1. Campinas: Labeurb/Unicamp, 1999. Disponível em <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos1.pdf>>.

Recebido em 29/08/2017

Aceito em 17/09/2017.